

AURÉLIA CAMARGO: UMA REPRESENTAÇÃO FEMININA NA LITERATURA ROMÂNTICA DO SÉCULO XIX.

Mariana Rosa da Silva¹

Me. Heber Junio Pereira Brasão²

Dra. Cristina Soares de Sousa³

Dra. Márcia Rodrigues Luiz da Silva⁴

Ana Paula Bernardes Pereira de Paula⁵

Kelma Gomes Mendonça Ghelli⁶

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a figura feminina de Aurélia Camargo a partir do contexto romântico no clássico da literatura brasileira *Senhora*, de José de Alencar (1875), a fim de traçar um paralelo entre diferentes mulheres em diferentes espaços e tempos. Para isso foi feito um estudo bibliográfico em livros, artigos e sites que tratam sobre o assunto. O principal suporte teórico foi o livro *Senhora* (2005) e o artigo de Aguiar e Costa (2011) os quais foram analisados minuciosamente para assim estudarmos a personagem. Além disso, recorreremos aos conceitos principais da Literatura romântica elaborados por Coutinho (1999), Bosi (2006) e Ferreira (2012). Os resultados desta pesquisa mostram que a realidade feminina entre Aurélia que é uma mulher cheia de complexidades e da mulher contemporânea, apesar de muitos avanços e vitórias, ainda tem muito em comum, pois a figura feminina ainda é colocada em um lugar de inferioridade em relação ao homem.

PALAVRAS-CHAVE: Aurélia. Literatura. Contemporânea. Mulheres.

ABSTRACT:

This article aims to analyze the female figure of Aurélia Camargo from the romantic context in the classic of Brazilian literature *Senhora*, by José de Alencar (1875), in order to draw a parallel between different women in different spaces and times. For this, a bibliographical study was carried out in books, articles and websites that deal with the subject. The main theoretical support was the book *Senhora* (2005) and the article by Aguiar and Costa (2011) which were analyzed in detail so that we could study the character. In addition, we resort to the main concepts of Romantic Literature elaborated by Coutinho (1999), Bosi (2006) and Ferreira (2012). The results of this research show that the female reality between Aurelia, who is a woman full of complexities, and the contemporary woman, despite many advances

1 Graduanda (o) do Curso de Letras do Centro Universitário Mário Palmério (UNIFUCAMP), Monte Carmelo-M.G. E-mail: marianasilva@unifucamp.edu.br

and victories, still has much in common, since the female figure is still placed in a place of inferiority in relation to the man.

KEYWORDS: Aurelia. Literature. Contemporary. Women.

INTRODUÇÃO:

A literatura Romântica surgiu em um momento de grandes mudanças no Brasil e ao contrário do que o nome sugere não se trata de uma literatura melancólica e sentimental, mas sim segundo FERREIRA (2012, p. 2):

Foi no período do Romantismo que o Brasil floresceu enquanto nação independente e buscou alçar voo em áreas distintas, entre estas, está literária, pois até então, tudo que era produzido no Brasil era “exportado” da Europa de forma que a produção acontecia em terras brasileiras, porém os temas e formas de composição das obras literárias eram inspirados em padrões europeus.

A partir daí os escritores começaram a olhar para o Brasil com nacionalismo e amor a pátria, mas ainda assim, o Romantismo não é considerada uma literatura genuinamente brasileira, pois o Brasil ainda se tratava de uma colônia de Portugal, então se pensarmos desta forma não seria possível, visto que a cultura Europeia estava presente e ainda dominava.

Dividido em quatro tipos, (Urbana, Regionalista, histórica e indianista) a prosa romântica Brasileira ganhou destaque.

Apesar de a prosa romântica fosse basilarmente apoiada em fatos ficcionais, os romances que produzidos em terras brasileiras da época do romantismo foram subdivididos por temáticas. Entre as narrativas que eram produzidas, ou direcionadas na corte, levava-se o nome de “romances urbanos, e o que era produzido ou direcionado nas províncias, ou seja, nos interiores ou nas partes menos desenvolvidas naquela época eram chamados de “romances; regionalistas, ou históricos”. (FERREIRA, 2012, p.8).

O presente artigo tem como propósito analisar a figura feminina de Aurélia Camargo a partir do contexto romântico no clássico da literatura brasileira *Senhora*, de José de Alencar (1875), com foco no “perfil feminino” Alencariano e em relação à época em que a protagonista foi criada, comparando com a mulher contemporânea em suas diversas faces.

A prosa urbana, a qual vamos tratar, mostra como a personagem inserida neste período da literatura era vista perante a aristocracia e os costumes burgueses da época, além

de centralizar a figura feminina, dado que uma das principais características da primeira geração romântica é a idealização do amor e principalmente da mulher.

Senhora foi escrito por José Martiniano de Alencar, nascido em Mecejana, no Ceará (1829). Segundo Douglas Tufano (2005), José de Alencar ficou conhecido como o melhor escritor da prosa romântica com várias obras de grande sucesso como: *Lucíola* (1862), *Diva* (1864), *Encarnação* (1893), entre outros dentro da linha de romances urbanos.

Já no caráter Indianista obteve êxito na escrita de *Iracema* (1865), e *Ubirajara* (1874), e na linha histórica conquistou a glória de escrever *O guarani* (1857), entre outros. José de Alencar foi um homem de muito sucesso, visto que seus livros são conhecidos e lidos até os dias de hoje.

Considerado o seu melhor romance urbano, *Senhora*, nos traz o último “perfil feminino” escrito por José de Alencar, o qual a protagonista Aurélia é considerada “moça de extraordinária força de caráter” (TUFANO, Douglas 2005, p.6).

2. DISCUSSÃO BIBLIOGRÁFICA OU REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo o livro “A Literatura no Brasil”, escrito por Afrânio Coutinho, o romantismo surgiu como a resposta à necessidade de expressão, da parte do escritor, e a determinadas aspirações, da parte do leitor. Do mesmo modo, Hellen Cristina Silva de Aguiar e Sueli Silva Gorricho Costa também expõem suas ideias sobre o assunto:

Romantismo é um movimento completamente carregado de imaginação, subjetividade, poesia, aproximação da natureza, mistério, pessimismo, nostalgia, sonho, fê, individualismo, exageros pitorescos, ilogismos, divinização da mulher, distinguindo-se por traços formais estruturais. O romântico é movido pela emoção e reflexão. Não se prende a regras estruturais de formatação, mas sim, prima pela inspiração individual, pela espontaneidade e pelo entusiasmo. Tenta buscar em suas criações uma interpretação para o mundo, e faz isso criando mundos imaginários e acreditando na realidade deles. (2011, p.94, 95).

O Romance Urbano é uma das três vertentes dentro do romance alencariano e conforme Afrânio Coutinho (1999), o objetivo aqui seria o de captar o conflito do espírito nacional em face de influências estrangeiras, cujo teatro era naturalmente a corte, a capital, aquele meio urbano no qual a mentalidade nacional em formação ia recebendo e aos poucos assimilando os exemplos que lhe chegavam de fora (p. 260). E continua mais adiante dizendo: A intriga desses romances, como é natural, gira em torno do problema do amor; ou

para ser mais exato, em torno da situação social e familiar da mulher em face do casamento e do amor (p. 261).

Da mesma forma BOSI também afirma que:

O romance romântico brasileiro dirigia-se a um público mais restrito do que o atual; eram moços e moças provindos das classes altas, e, excepcionalmente médias; (...) eram, enfim, um tipo de leitor à procura de entretenimento, que não percebia a diferença de grau entre um Macêdo e um Alencar Urbano. (p. 128).

Tanto que a maior parte das pessoas que liam os folhetins queriam entretenimento e esperavam ansiosos pelo próximo capítulo, visto que, uma grande característica de Alencar era parar a história no ápice, para aumentar a curiosidade de seus leitores.

O famoso romance urbano de Alencar, intitulado *Senhora*, história que se passa no Rio de Janeiro e que conforme DOUGLAS TUFANO (2005) traz a história de seu último e melhor perfil feminino: o de Aurélia Camargo.

Aurélia Camargo, que é descrita como deusa dos bailes, musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade (ALENCAR, 2005, p.11) mas também era uma mulher que não tinha certos anseios como as moças de sua idade costumavam a ter, pois Aurélia via o casamento como algo distante e inalcançável (DE AGUIAR e COSTA, p. 104, 2011).

Este comportamento muda quando ela conhece Fernando Seixas, e a partir daí podemos analisar uma mulher cheia de vontades e que se impõe diante das suas vontades, mesmo vivendo em uma época em que as mulheres não tinham poder de escolha e muito menos eram ouvidas.

A trajetória da mulher brasileira nos últimos séculos é, para dizer pouco, extraordinária: de uma educação no lar e para o lar, no período colonial, para uma participação tímida nas escolas públicas mistas do século 19; depois, uma presença significativa na docência do ensino primário, seguida de uma presença hoje majoritária em todos os níveis de escolaridade, bem como de uma expressiva participação na docência da educação superior. (RUSTOFF, 2006).

Semelhante a Aurélia e guardada as devidas proporções, podemos traçar um paralelo entre diferentes mulheres em diferentes espaços e tempos, sendo Aurélia a representação da mulher que levanta sua voz perante a sociedade machista da época e a mulher contemporânea que mesmo em uma época com voz mais ativa perante a sociedade,

muitas vezes vive refém do patriarcado, e segundo ÉRICA DE MORAES (2012), a sociedade continua apresentando traços de “machismo” (p. 261), como podemos sempre nos atentar as questões sociais que as mulheres enfrentam todos os dias, como a desigualdade salarial e a sobrecarga que é jogada em cima das mulheres.

Analisaremos a obra focando na questão da mulher e sua emancipação, visto que a história ocorre durante a segunda metade do século XIX, onde os costumes era ter a mulher sempre diminuída, mesmo não sendo a realidade da nossa protagonista.

Assim, iremos comparar o papel que a mulher tem na sociedade atual, que mesmo muitos séculos após Aurélia, ainda passa por diversas situações que nos fazem sentir como se o tempo não tivesse passado.

3. METODOLOGIA DE PESQUISA

O presente artigo refere-se a uma pesquisa bibliográfica feita para analisar a personagem Aurélia Camargo, escrita por José de Alencar, comparando a realidade feminina naquele tempo, em relação a contemporaneidade, sendo que esse estudo foi feito a partir de pesquisas em livros, artigos e sites que tratam sobre o assunto abordado.

4. DESENVOLVIMENTO

4.1- Aurélia Camargo. Uma mulher a frente de seu tempo.

Aurélia Camargo nasceu e viveu de forma humilde, e até mesmo na extrema pobreza. Aos 18 anos depois da morte de sua mãe e também seu avô paterno, ela é reconhecia como única e legítima herdeira. A moça, que ainda era menor de idade, necessitaria de um tutor, pois só poderia tomar suas próprias decisões a partir dos vinte e um anos.

Seu tio Lemos sabendo da abastada fortuna que a sobrinha havia recebido se dispõe rapidamente para exercer esta função, “De primeiro impulso, Aurélia pensou em revoltar-se contra sua nomeação, mostrando ao juiz a infame carta que lhe escrevera o tio, mas além de repugnar-lhe o escândalo, sorriu com a ideia de ter um tutor a que dominasse.” (ALENCAR, 2005, p. 123).

No trecho acima, conseguimos ver que a protagonista não segue o modelo padrão da sociedade burguesa do século 19, pois Aurélia deixa evidente sua vontade de querer um tutor que apoie suas decisões, sendo assim, Lemos se torna um mero objeto, já que para a

sociedade em si, Aurélia seria recriminada se tomasse certas decisões, incluindo sobre sua herança, mesmo dispondo de total capacidade para fazer isso:

Agora mesmo, Aurélia, você está me dando razão e mostrando sua instrução. Quem há de dizer que uma menina de sua idade sabe muito mais do que muitos homens que aprenderam nas academias? E assim é bom; porque senão, com a riqueza que lhe deixou seu avô, sozinha no mundo, por força que havia de ser enganada. (ALENCAR, 2005, p. 18).

E também no trecho:

A natureza dotara Aurélia com a inteligência viva e brilhante da mulher de talento, que se não atinge ao vigoroso raciocínio do homem, tem a preciosa ductilidade de prestar-se a todos os assuntos, por mais diversos que sejam. O que o irmão não conseguira em meses de prática, foi para ela estudo de uma semana. (ALENCAR, 2005, p. 94).

Aurélia sempre se destacava por se tratar de uma moça astuta e inteligente:

Era realmente para causar pasmo aos estranhos e susto a um tutor, a perspicácia com que essa moça de dezoito anos apreciava as questões mais complicadas; o perfeito conhecimento que mostrava dos negócios; e a facilidade com que fazia, muitas vezes de memória, qualquer operação aritmética por mito difícil e intrincada que fosse. (ALENCAR, 2005, p.26).

Os homens mantinham o poder perante as mulheres, fazendo com que elas se tornassem dependentes, principalmente quando se tratava de dinheiro, pois eram os homens que proviam o sustento. E é justamente por isso que a mãe da garota, D. Emília Camargo, desejava tanto ver a filha casada antes de sua morte, para que ela tivesse tanto um amparo emocional, quanto o financeiro: “O que me aflige é não te ver casada. Mais nada.” (ALENCAR, 2005, p.95).

Mas com as obrigações que tinha de cumprir, os cuidados com a mãe e a falta de interesse em arranjar um casamento naquele momento, faziam com que Aurélia sempre arranjasse uma desculpa, e dizia: “Casamento e mortalha no céu se talham, minha mãe, respondia a menina, rindo- se para cobrir o rubor”. (ALENCAR, 2005, p.95).

Após a morte do filho mais velho, a mãe de Aurélia sente mais ainda a necessidade de ver a filha casada, pois agora a menina não teria nem mesmo a companhia do irmão caso Dona Emília partisse. A partir deste momento Aurélia cede ao desejo da mãe “Redobraram pois as insistências da pobre viúva; e Aurélia ainda coberta de luto pesado que trazia pelo irmão condescendeu com a vontade da mãe, pondo-se a janela todas as tardes”. (ALENCAR, 2005, p. 96).

Em um momento de tristeza a personagem acaba cedendo, mas mesmo assim podemos notar que para ela não seria simples, pois ainda não era de sua vontade casar-se.

Foi para a menina um suplicio cruel essa exposição de sua beleza com a mira no casamento. Venceu a repugnância que lhe inspirava semelhante amostra de balcão, e submeteu-se a humilhação por amor daquela que lhe dera o ser cujo pensamento era sua felicidade. (ALENCAR, 2005, p. 96).

A partir do momento que ela se expõe na janela, conclui-se que a jovem desejava encontrar algum rapaz para se casar e a rua que morava se torna caminho para diversos pretendentes, alguns que realmente ansiavam pelo casamento e outros que queriam apenas a conquista. Mas Aurélia continuava impassível:

Os olhares ardentes e cúpidos dessa multidão de pretendentes, os sorrisos contrafeitos dos tímidos, os gestos fátuos e as palavras insinuantes dos mais afoitos, quebravam-se na fria impassibilidade de Aurélia. Não era a moça que estava ali à janela; mas uma estátua, ou com mais propriedade, a figura de cera do mostrador de um cabelereiro da moda”. (ALENCAR, 2005, p. 97)

A moça cumpria exatamente o que a havia prometido a mãe, estava se “apresentando” aos muitos rapazes que se interessavam por ela através da janela de sua casa, mas fazia isso sem qualquer entusiasmo- “A menina cumpria estritamente a obrigação que se tinha imposto; mostrava-se para ser cobiçada e atrair um noivo. Mas, além dessa tarefa de exhibir sua beleza, não passava”. (ALENCAR, 2005, p.97). Assim que cumpria o seu compromisso voltava para os afazeres de suas atividades diárias e se quer lembrava-se dos pretendes que haviam passado por sua janela.

Até este momento fica clara a aversão que Aurélia tinha a respeito do casamento, mas este comportamento muda quando ela se depara com Fernando Seixas, rapaz que passava na rua para conhecer a menina que era dita tão bela. Os dois se encantam um pelo outro e a partir daí o rapaz começa a cortejá-la, passando a frequentar todos os dias a casa da menina e por fim pedindo sua mão em casamento.

Mas Fernando dominado pela ganância desfaz o noivado e resolve casar com Adelaide Amaral, a qual o pai oferecia um dote de 30 contos de réis, sendo que depois do abandono, Aurélia se fecha e segue sua vida ao lado da mãe doente, até o dia que se torna totalmente órfã e recebe a herança deixada pelo avô.

A partir deste momento Aurélia entra em uma nova fase. Agora é uma moça rica e descrita de forma ainda mais suntuosa como de costume no período romântico:

Há anos raiou no céu fluminense uma nova estrela.

Desde o momento da sua ascensão ninguém lhe disputou o cetro; foi proclamada a rainha dos salões.
Tornou-se a deusa dos bailes; a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade.
Era rica e formosa.
[...]
Quem não se lembra da Aurélia Camargo, que atravessou o firmamento da corte como brilhante meteoro. (ALENCAR, 2005, p.11)

Observa-se que no decorrer das linhas dessa obra, que se atribui à Aurélia todas às qualidades de um ser divino. Ela é rainha, deusa, musa, rica, formosa, enfim, um ídolo para seus admiradores. Ela é totalmente diferente das mulheres da época, tem características qualidades de um ser divino (AGUIAR, Hellen Cristina Silva de e COSTA, Sueli Silva Gorricho, 2011).

Um fato que chama a atenção é o dela querer sua independência, como ter sua própria casa, ao invés de ir morar com os parentes. Mas mesmo com seu jeito excêntrico algumas regras jamais poderiam ser quebradas, caso contrário ela correria o risco de ter sua reputação manchada e como na época uma moça solteira jamais poderia morar sozinha, ela tratou de levar com ela D. Firmina que era a pessoa que sempre a acompanhava na sociedade e segundo o livro (ALENCAR, 2005, p.11) essa parenta não passava de mãe de encomenda, para condescender com os escrúpulos da sociedade brasileira, que naquele tempo não tinha admitido ainda certa emancipação feminina.

Fica claro por toda a obra que tanto o tutor, seu tio Lemos, quanto à velha parenta, D. Firmina, não influenciavam em nada nas atitudes e nos ideais da menina, pois ela sempre agia de acordo com as suas vontades e dependia deles apenas pelo fato da sociedade não aceitar que uma mulher, principalmente jovem, tinha total condições de cuidar da sua vida e dos seus negócios.

Mas como ainda não era “normal” uma mulher exercer tal autonomia, o mais comum era que ela se casasse, todavia Aurélia ainda era jovem como seu tio Lemos reiterou no trecho [...] “Uma menina, órfã, inexperiente, eu não aconselharia que se casasse senão depois da maioridade, quando conhecesse bem o mundo” (ALENCAR, 2005, p.27).

No entanto Aurélia como sempre muito perspicaz já havia decidido que iria se casar com o noivo o qual ela escolhera. Fernando Seixas, o rapaz que havia “partido seu coração” por dinheiro. Quando ela comunica a seu tutor o seu desejo já deixa bem claro que se caso não houver sua aprovação ele poderá deixar de ser seu tutor de maneira com que ele ficou chocado:

Sr. Lemos, disse a moça pausadamente e trespassando com um olhar frio a vista perplexa do velho; completei dezenove anos; posso requerer um suplemento de idade mostrando que tenho capacidade para reger minha pessoa e bens; com maioria de razão obterei do juiz de órfãos, apesar de sua oposição, um alvará de licença para casar-me com quem eu quizer. Se estes argumentos jurídicos não lhe satisfazem apresentar-lhe-ei um que me é pessoal. (ALENCAR, 2005, p.27-28).

O tio acaba cedendo às vontades da jovem e arranja o casamento que ela queria, ficando explícito na obra que o casamento se tratava apenas de uma “empresa nupcial” e decorrendo disso Afrânio Coutinho afirma que:

Em Senhora, que é um dos romances mais bem construídos do autor, realizou Alencar uma boa crítica à educação tradicional, ao casamento por conveniência- simples contrato de interesse econômico- construindo, ao mesmo tempo, o mundo ideal acima da realidade circundante, com as mesmas personagens que haviam sido vítimas de casamento por dinheiro. (COUTINHO, 2009, p. 262).

O casamento por conveniência é recorrente mesmo nos dias atuais, principalmente quando se trata dos interesses econômicos. Muitas pessoas se casam por acharem a posição social conveniente e também pelos benefícios que esta união pode trazer, e em tempos de redes sociais podemos observar vários casos de casamentos “fakes”, que acontecem por conta das publicidades que o casal rende, além de números de visualizações, vivendo apenas por aparências diante a sociedade.

No caso de Fernando e Aurélia o dinheiro foi justamente o que separou o casal no início da trama e logo após acarretou a vingança planejada por Aurélia, no fim acaba sendo o motivo que os une, uma vez que Fernando paga a dívida com a esposa e se diz livre, já que devolve todo o valor com que ela o havia comprado, sendo assim, os dois cedem ao amor que tinham um pelo outro.

5.2- A representatividade de Aurélia na sociedade contemporânea

Percebemos que mesmo vivendo em uma sociedade dominada pelo homem, Aurélia impôs suas vontades e ideais, e isso se tratando da época é o que mais chama atenção. Mas se compararmos com a mulher da atualidade chegaremos à conclusão de que estamos rodeados de “Aurélias”, mulheres fortes, independentes, mas que muitas vezes se sentem reprimidas pelo patriarcado, como afirma Érika de Moraes (2012):

“[...] o estereótipo da mulher submissa foi substituído, em grande medida, pelo da mulher múltipla: que trabalha fora, cuida da casa, dos filhos e do marido e, ainda assim, deve encontrar tempo para cuidar de si, fazer cursos de aperfeiçoamento, manter cabelos e unhas impecáveis, praticar exercícios físicos, balancear a dieta, etc”. (p. 260-261).

E continua: “[...] se antes a “mulher perfeita” era a que cuidava bem do lar e da família, hoje ela precisa se destacar profissionalmente sem descuidar das questões anteriores e, ainda, ter um corpo de modelo”.

Neste sentido, notamos que o peso das responsabilidades e cobranças que recaem sob as mulheres é imenso, e isto não é algo de agora, pois desde sempre as tarefas denominadas funções femininas são despejadas sob as mulheres.

Os primórdios da divisão sexual do trabalho já atribuíram a função de cuidados domésticos e familiares à mulher, enquanto aos homens, únicos provedores do lar, era incentivado que saíssem para explorar e conquistar o mundo (MIRAGLIA, Livia Mendes Moreira; TEODORO, Maria Cecília Máximo; SOARES, Maria Clara Persilva, 2020, p. 34-35)

Mesmo na contemporaneidade a carga de trabalho das mulheres é maior, pois, muitas vezes além de exercerem uma profissão fora de casa, ainda desempenham as tarefas domésticas, que por si só já são extremamente desgastantes. Mas esta sobrecarga tem sido cada vez mais discutida dentro da sociedade e aos poucos a romantização do cansaço físico e mental das mulheres, sobretudo as que são mães abre espaço para que os homens façam as tarefas cotidianas, além de participar mais na criação dos filhos, possibilitando que esta nova geração não seja criada acreditando que é normal oprimir e sobrecarregar mulheres.

Outro fato é inserção feminina dentro do mercado de trabalho que foi exaustiva e conquistada com muita luta. Apesar disso, as mulheres ainda sofrem certa discriminação, principalmente na forma salarial, já que o salário de uma mulher que exerce a mesma função de um homem muitas vezes é menor, fato este que é inaceitável, porém muito comum. Essa desigualdade salarial é apenas mais um dos desrespeitos que a figura feminina sofre todos os dias.

Se observarmos isso veremos que algumas coisas, seja no século XXI ou no XIX, não mudaram, entretanto, Aurélia vem sendo símbolo de inspiração, tanto para as mulheres da época, quanto para as mulheres da geração atual, considerando que as mulheres do passado não tinham muitas inspirações femininas tão à frente para seguir como exemplo

SILVA, M. R.; BRASÃO, H. J. B.; SOUSA, C. S.; SILVA, M. R. L.; SOUSA, G. K.; REIS, N. G.

como afirma THIENGO (1982) “... a caracterização da busca da personagem Aurélia como estritamente feminina faz da narrativa Senhora uma obra que teria contribuído para a construção da identidade das leitoras brasileiras do século XIX”.

Sendo assim, vemos que muitas mulheres que acompanhavam o folhetim podem sim ter sido inspiradas e influenciadas por Aurélia Camargo a seguirem os seus destinos e a se imporem, e ainda hoje veremos muitas “Aurélias” tentando ser ouvidas e conquistar o seu espaço no mundo e como a nossa protagonista.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração todos os dados analisados, notamos todas as complexidades que compõem a personagem Aurélia, sendo uma mulher fora dos padrões, com características ousadas diante do contexto histórico no qual se passa a obra.

Além disso, ela mostra o quão distante a sociedade está em aceitar mulheres livres, pois como no livro, que se passa em 1875, comparando com os dias atuais, nos deparamos com uma sociedade machista que desvaloriza as conquistas, trabalho e lutas das mulheres e que ainda tem muito que aprender.

Encontrar dentro da literatura brasileira uma representante tão marcante e significativa é essencial para encorajar meninas e mulheres a levantarem suas vozes e se fazer serem ouvidas. Aurélia Camargo inspira e inspirará ainda muitas gerações.

7. REFERÊNCIAS

ALENCAR, José. Senhora . . 1ª ed. São Paulo, Paulus, 2005.

BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. São Paulo: Cultrix, 2006.

COUTINHO, A. A Literatura no Brasil: era romântica. 5ª ed. São Paulo: Global, 1999. V. 3.

DE AGUIAR, Hellen Cristina Silva; COSTA, Sueli Silva Gorricho. A construção da personagem aurélia camargo, na obra senhora, de José de Alencar. Nucleus, v. 8, n. 1, p. 1-22, 2011.

FERREIRA, Júlio Flávio Vanderlan. Romantismo: a formação da literatura brasileira. Revista Vozes dos Vales da UFVJM, v. 2, p. 1-12, 2012.

MIRAGLIA, Livia Mendes Moreira; TEODORO, Maria Cecília Máximo; SOARES, Maria Clara Persilva. Feminismo, trabalho e literatura: reflexões sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea [recurso eletrônico] Porto Alegre, RS:Editora Fi, 2020.

MORAES, Érika de. Ser mulher na atualidade: a representação discursiva da identidade feminina em quadros humorísticos de maitena. Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas. Maringá: Eduem, p. 259-285, 2012.

RISTOFF, Dilvo. “A trajetória da mulher na educação brasileira”. Folha de São Paulo. São Paulo, 08 mar. 2006. Caderno Opinião. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/component/content/article/202-noticias/264937351/5710-sp-1216879868?Itemid=164>>. Acesso em: 19 set. 2021.

THIENGO, Mariana. O perfil de mulher no romance senhora, de José de Alencar. Travessias, v. 2, n. 2, 1982.

TUFANO, Douglas. Senhora. 1ª ed. São Paulo, Paulus, 2005.